

# Ministro teme fuga de aplicadores do over

O ministro Mailson da Nóbrega qualificou ontem de absurda a idéia de re-negociar a dívida interna, tal como vêm defendendo alguns candidatos à Presidência da República.

— Essas pessoas não entendem do que estão falando e não têm idéia de como funciona o *overnight* — disse Mailson.

O ministro entende que a repetição dessa tese por alguns importantes candidatos à Presidência pode ser suficiente para afugentar os aplicadores do *overnight* e, dependendo dessa fuga, obrigar o Banco Central a recomprar os títulos do Tesouro. Dependendo, ainda, do volume de títulos a ser recomprado, poderia haver uma forte injeção de moeda na economia, o suficiente para abrir caminho para uma nova escalada da inflação.

— Qual é a empresa ou o aplicador inteligente que vai continuar comprando títulos da dívida pública ou deixar seu dinheiro no *over* se existir a ameaça de um tranco qualquer na dívida interna? — perguntou.

O ministro continuou o raciocínio: “Alguns candidatos têm afirmado que é preciso parar com a especulação financeira e que o dinheiro hoje pago aos aplicadores do *overnight* e da caderneta tem de ser dirigido para a produção, para a agricultura e tudo o mais. Infelizmente, não é assim. O governo está sendo obrigado a tomar dinheiro emprestado no mercado financeiro e a pagar esses juros altos exatamente porque está canalizando recursos para a produção, para o crédito agrícola e para suas próprias despesas”.

## Sinistrose

Apesar dos problemas que a economia está enfrentando, o ministro não acredita que haja um risco sério de hiperinflação:

— Hiperinflação não é um número. É, antes de mais nada, a completa desorganização da economia. Felizmente, estamos longe disso. É verdade que a inflação está uma enormidade, mas há importantes pontos altamente positivos na economia. As exportações, por exemplo, vão indo muito bem e certamente vamos ultrapassar este ano a meta de 16 bilhões de dólares de superávit comercial. O nível de reservas, em franca recuperação, já está no nível mais alto deste ano.

O ministro apostava em que a inflação deste mês será bastante inferior a 30% e talvez fique nos mesmos níveis da inflação de junho, à altura dos 24 ou 25%. Há, segundo ele, alguns bons indícios de que a inflação esteja em fase de desaceleração.

Infelizmente, essa sinistrose que corre por aí está sendo alimentada pelos próprios economistas — disse Mailson. — É a história daquele médico que, em vez de curar o doente, fica metendo na cabeça dele que ele está nas últimas, que não tem cura e tudo o que tem a fazer é entregar-se nas mãos de Deus. Aí o sujeito pode acabar morrendo mesmo. Não da doença, mas da incompetência do médico.

## Ministro Milagreiro

Mailson acha mesmo que o ataque à inflação é importante demais para ser cobrado dos economistas. “Em pouco mais de três horas a gente aqui no Ministério da Fazenda monta um plano da emergência contra a inflação”, disse o ministro. “Não há novidades nisso. Está tudo no manual... O problema não é técnico, mas político. O importante não é saber o que fazer, mas decidir fazer. Isso é tarefa da sociedade, e



Mailson: “Houve um tempo em que o ministro da Fazenda fazia milagres...”

tem de ser administrada pelos políticos.”

O governo sozinho pode pouco. “Houve um tempo — lembra Mailson — em que o ministro da Fazenda rezava missa, fazia batizado, fazia casamento, recomendava defunto e tinha romaria onde ele estivesse. Ele fazia milagres. Hoje não é mais assim. Não basta o governo querer acabar com a inflação. É preciso que toda a sociedade, inclusive os políticos, esteja não só convencida disso, mas aceite um programa nessa direção.”

A grande tarefa do governo, neste fim de mandato, é tentar convencer o Congresso a assumir, junto com o Executivo, um programa de emergência. Se isso não for possível, o que vai sobrar ao governo é entregar o País ao sucessor com uma economia com razoável organização e uma inflação ainda suportável.

— Para isso, precisamos vencer apenas os próximos três meses — argumenta Mailson. — Porque, a partir de novembro, quando praticamente já teremos um novo presidente, a economia vai ganhar novo fôlego.

Atrás dessa idéia do fôlego a partir de novembro está a convicção de que, seja quem for o novo presidente, de esquerda, de centro ou de direita, não haverá como fugir de um programa ortodoxo de austeridade contra a inflação, tal como aconteceu agora na Argentina, com o novo presidente Carlos Menem. “Até o Brasil teria que baixar um programa duro”, diz o ministro.

Mailson acha que, com a autoridade e a credibilidade que lhe derem as urnas, o novo presidente da República não vai ter muita dificuldade para obter apoio políti-

co no contra-ataque à inflação. Em seguida, ele vai ter de renegociar a dívida externa em novas bases e, depois, implantar um vasto programa de reformas e de modernização da economia.

## Congelamento

E, outra vez, Mailson insiste no enfoque político e institucional, em vez do puramente técnico: “O que aconteceu na Espanha e está acontecendo na União Soviética é uma grande lição para qualquer dirigente. Está mais do que claro que, primeiro, o governo tem de ter um grande apoio. Depois, tem de conseguir a consolidação das instituições. E só depois partir para outras reformas”.

O ministro da Fazenda está convencido de que o novo presidente da República precisa conseguir a reforma da Constituição já no primeiro mês de mandato. Sem isso — segundo ele — o País fica inadministrável e não será possível derrubar a inflação.

A renegociação da dívida externa só será possível depois de tudo isso. “Não adianta ter um ministro agressivo com os credores. Berro não funciona lá em Nova York. O importante é ter um programa consistente. Um novo acordo e mais dinheiro para financiar o desenvolvimento econômico vai depender apenas disso.”

E, finalmente, que ninguém mais espere deste governo em fim de mandato um novo choque heterodoxo com congelamento de preços e tudo o mais:

— Tem de ter congelamento de economista e não de preço — concluiu Mailson.